

R U D O L F S T E I N E R

PONTOS DE VISTA

DA CIÊNCIA ESPIRITUAL PARA A MEDICINA

2º CURSO PARA MÉDICOS E ESTUDANTES DE MEDICINA

NOVE CONFERÊNCIAS

PARA MÉDICOS E ESTUDANTES DE MEDICINA.

DORNACH, SUÍÇA, DE 11 A 18 DE ABRIL DE 1921.

TRADUÇÃO DE
DR. BERNARDO KALIKS



Estas conferências, originalmente não destinadas à publicação, foram extraídas de notas estenográficas não revistas pelo autor. Rudolf Steiner diz na sua autobiografia: “Quem lê estes textos pode toma-los como aquilo que a Antroposofia tem a dizer.. Mas deve levar em conta que nos textos não revistos por mim podem existir erros”. As premissas e a nomenclatura da Antroposofia ou Ciência Espiritual estão expostas nas obras fundamentais de Rudolf Steiner.

Caros amigos

Por ocasião do VIII Congresso de Medicina Antroposófica a Diretoria da ABMA Nacional deu o primeiro passo no sentido de publicar as obras básicas de Rudolf Steiner, essenciais para a Medicina Antroposófica. Nosso esforço está em oferecer este material, que hoje se encontra como apostilas, em forma de livros.

Como segundo livro a ser oferecido à classe médica antroposófica brasileira, estamos editando o livro Pontos de Vista da Ciência Espiritual para a Medicina. Este livro representa uma abordagem prática dos elementos básicos que Rudolf Steiner entregou para médicos no seu primeiro curso Ciência Espiritual e Medicina, em 1920. Ao mesmo tempo nos mostra como Steiner via a integração entre os médicos antroposóficos e os euritmistas curativos, conforme a última palestra.

Agradecemos o apoio da Fundação Mahle que propiciou a edição desta obra. Desejamos a todos uma ótima leitura.

pela Diretoria da ABMA

Francisco Braz
Luis Carlos Nascimento
José Carlos Machado
Ronaldo Perlatto

setembro de 2008.

.....ÍNDICE:

PRIMEIRA CONFERÊNCIA:

Dornach, 11 de abril de 1921 pág. 13

As partes constitutivas superiores do ser humano e os efeitos das substâncias materiais sobre o corpo físico na doença e na cura. Substâncias, resultados de determinados processos. A atuação recíproca entre processos internos e processos extra-humanos. Os quatro membros constitutivos no organismo da cabeça, rítmico e dos membros. A ação da silícia. Os processos de formação da silícia e do cálcio e sua superação na formação do organismo humano.

SEGUNDA CONFERÊNCIA:

Dornach, 12 de abril de 1921 pág. 31

A ação do Eu na cabeça (diferenciação calórica) e no sistema dos membros e do metabolismo (estática). Os quatro éteres: sua relação com o organismo humano e entre si. Essência da doença. Processos de cura e patogênicos. Morrer durante toda a vida e a consciência do Eu. Eu e processo físico. Essência da morte. A relação do corpo astral com a doença, do corpo etérico com a cura e do corpo físico com a nutrição. Eu e morte. Partes constitutivas superiores do ser humano e doença. Fósforo e enxofre, arsênico, antimônio. A relação de algumas substâncias químicas com os processos orgânicos humanos.

TERCEIRA CONFERÊNCIA:**Dornach, 13 de abril de 1921 pág. 53**

Corpo astral e organismo do tórax. Corpo físico e corpo etérico. O vir-a-ser das plantas. Processo rítmico de forças curativas e patogênicas. A respiração; o anidrido carbônico e o oxigênio. Adormecer e despertar. Vida anímica e processos rítmicos. Os processos no organismo do tórax, resultado dos processos que se desenvolvem no homem-superior; no homem-inferior e no mundo externo. Terapia pela luz e a climatologia de montanha. Cinzas na alimentação. Eletricidade e magnetismo: sua aplicação na terapia.

QUARTA CONFERÊNCIA:**Dornach, 14 de abril de 1921 pág. 69**

Adormecer e despertar. Dieta com alimentos crus. Os níveis de desenvolvimento individual do ser humano. O Eu e a ascensão dos alimentos. O desenvolvimento da atividade do Eu, sua polaridade na infância. Distúrbios vegetativos devidos a alterações do desenvolvimento. Diferenças entre meninos e meninas. O Eu no metabolismo; relação com o processo gustativo. Irregularidade do desenvolvimento do Eu. O Eu nas diversas condições de calor. A atividade do Eu na ascensão dos alimentos, no metabolismo, no desenvolvimento infantil. O Eu e o calor.

QUINTA CONFERÊNCIA:

Dornach, 15 de abril de 1921 pág. 85

○ processo de 'arsenização'. A difteria: contágio e terapia.
○ processo do Eu e os processos do fósforo. Ação do Eu nos processos dinâmicos. Patologia de efeitos do Eu e sua manifestação na destruição dos epitélios e em outros fenômenos. Envenenamento por fósforo. A ação excessiva do Eu.

SEXTA CONFERÊNCIA:

Dornach, 16 de abril de 1921 pág. 101

○ método de observação da Medicina. As proteínas. Relação entre nutrição e respiração. Corpo etérico e líquido, astralidade e respiração, Eu e calor. Proteínas alimentares e orgânicas. Útero e coração. Relação entre a atividade cardíaca, gorduras e metabolismo dos carbo-hidratos. Tísica pulmonar.
○ mercúrio. Critérios para a preparação de medicamentos.

SÉTIMA CONFERÊNCIA:

Dornach, 17 de abril de 1921 pág. 119

○ conhecimento antroposófico aprofundado do mundo, base para a avaliação terapêutica. Relação terapêutica entre plantas e organismo humano: raízes de genciana, geum urbanum; iris germanica; a majorana; flores de sabugueiro; semente de cominho. Metamorfose do processo sensorial no metabolismo e concepções terapêuticas derivadas. Os princípios da terapia com metais. Polaridade entre prata e chumbo.

OITAVA CONFERÊNCIA:**Dornach, 18 de abril de 1921 pág. 137**

Terapia baseada em metais. Transformação da regra homeopática. Processo salino, processo metálico, ação irradiante dos metais. Chumbo, magnésio, estanho, ferro, cobre, ouro, mercúrio, prata. Respostas a perguntas; asma, proteíno-terapia parenteral; resfriado. Relação entre músculos e ossos. O exame do sentido do paladar. Substâncias e processos no organismo. A doença de Basedow.

NONA CONFERÊNCIA:**Dornach, 18 de abril de 1921 pág. 157**

A Eúritmia em relação ao ser humano configurado pelo cosmo, como elemento terapêutico: a Eúritmia Curativa.

PRIMEIRA CONFERÊNCIA

DORNACH, 11 DE ABRIL DE 1921

Espero que estas palestras que dão continuidade às do ano anterior¹ tragam, na verdade, algo que possa ser acolhido como complemento e que, principalmente, este se delineie em algumas orientações terapêuticas até o final do curso. Desta vez, examinaremos o tema do curso anterior sob outro ponto de vista: o ser humano doente e o homem a curar. Pelo fato de tomar a coisa sob outro aspecto, não só chegaremos a outros pontos de vista, como à ampliação do tema que temos estudado. Desta vez, eu gostaria de mostrar como atua na evolução da doença e da cura aquilo que, como antropósofos, todos vocês conhecem: a estruturação do ser humano em corpo físico, corpo etérico, etc. Enquanto no curso anterior limitei-me a apresentar a expressão exterior do homem interno, tentarei mostrar, desta vez, a maneira como os diferentes membros do ser humano são influenciados por substâncias externas, principalmente aquelas que podem ser empregadas como medicamentos, e o que pode ser utilizado como medicamento sem ser uma substância. Neste ponto, devo fazer uma breve introdução.

Quando abordamos este assunto no curso anterior já falamos sobre diferentes relações entre a substância e o físico em geral, enquanto medicamento. Mas, no momento em que passamos aos membros superiores

1. STEINER R., *Ciência Espiritual e Medicina I e II*, GA 312, disponível como apostila na ABMA.

da natureza humana – os membros supra-sensíveis – não poderemos falar sobre as substâncias da mesma maneira. Certamente, teremos de fazer isto para não nos estendermos demais, para podermos falar de forma breve. Mas, no decorrer de toda esta exposição, precisamos estar conscientes de um fato essencial: quando se quer compreender verdadeiramente a relação do ser humano com o meio – a conduta do ser humano nos estados de saúde e doença – não se pode partir da substância, tal como hoje acontece na Ciência convencional. Não se deve partir das substâncias, mas dos processos; não de algo pronto, mas de um acontecer. E, quando falamos de substâncias, devemos pensar que nela – naquilo que se manifesta como substância na aparência sensorial exterior – não está presente nada mais que um processo, um acontecimento que chegou ao repouso.

Vamos supor que estamos diante da sílica e a tratamos como substância. Quando representamos um corpo que tem determinada forma, ainda não encontramos sua essência nesta representação. Abrangemos o essencial somente quando compreendemos o amplo processo que existe como um acontecimento único em todo o universo e que pode, como tal, consolidar-se, chegar ao estado de repouso, a uma espécie de equilíbrio: este estado se exterioriza no que se apresenta como sílica. É essencial compreender a relação entre os processos internos do ser humano e os processos exteriores a ele, processos do universo, com os quais as pessoas – tanto a sadia como a doente – se encontram em permanente relação.

Para poder amanhã dar início ao nosso tema, desejo apresentar-lhes agora, como introdução, aquilo que deverá nos conduzir a algumas idéias sobre esta inter-relação. Para tanto, devemos tentar entender a entidade do ser humano a partir dos elementos da Ciência Espiritual antroposófica. Em primeiro lugar, formularei de maneira esquemática o que denominei 'estrutura ternária do ser humano', estrutura que desejo explicar em sua distribuição espacial. Temos o homem neuro-sensorial que está concentrado principalmente na cabeça, mas que se estende por todo o corpo, por todo o ser humano; sabemos que o homem, na cabeça, é um ser neuro-

sensorial por excelência; por outro lado, ele também é cabeça nos outros dois membros de sua estrutura ternária, embora, é claro, em grau menor. Representemos, assim, aquilo que chamamos de 'homem neuro-sensorial' localizado na cabeça. Para que a composição do ser humano possa ser frutífera para nossos propósitos, devemos representar o ser humano-rítmico numa dúplice conformação: um membro que tende mais para o sistema respiratório, e outro que tende mais para o circulatório; no sistema circulatório se encaixa o que representa a relação do homem dos membros com o sistema metabólico.

Temos na cabeça o membro de nossa organização que é principalmente 'homem neuro-sensorial'. A organização da cabeça se diferencia essencialmente da organização dos outros membros do ser humano, também em relação à conformação superior desta estrutura ternária. Se contemplarmos a cabeça humana do ponto de vista da Ciência Espiritual, vemos que ela é uma espécie de impressão. Poderia se dizer, inclusive, uma espécie de secreção do Eu, do corpo astral e do corpo etérico; e ainda devemos levar em consideração o corpo físico. Permito-me destacar aqui a importância deste assunto, na medida em que chamo a atenção para o fato de que a cabeça humana, tal como está disposta já no embrião, não se forma meramente a partir de forças do organismo dos pais; as forças cósmicas atuam na cabeça humana, as forças cósmicas atuam sensivelmente no ser humano. Naquilo que denominamos 'forças etéricas' ainda está presente muito do organismo dos pais; todavia, forças cósmicas que provêm da vida anímico-espiritual anterior ao nascimento, ou mesmo à concepção, já estão atuando no etérico. Aquilo que vivia no mundo espiritual antes da concepção age com intensidade muito maior no astral e no Eu, e conserva de tal maneira sua atuação que dela resulta a formação da cabeça humana. O Eu cria sua impressão na cabeça humana; os corpos astral e etérico criam também suas impressões físicas na cabeça humana. Apenas o corpo físico que obtemos aqui na Terra atua, por assim dizer, de forma primária; ele não é uma impressão, mas atua de maneira primária. Posso dizer, desenhando-o

então, de forma esquemática, que a formação da cabeça humana é uma impressão do Eu. O Eu se organiza ali dentro de determinada maneira; será preciso falar mais freqüentemente desta organização.



O Eu se organiza principalmente pelo fato de diferenciar os estados calóricos da cabeça. O corpo astral diferencia aí dentro, na cabeça, o que a impregna como processo gasoso, aéreo, no qual, justamente, está entretecido e organizado o corpo astral. Além destes, se imprime também o corpo etérico; e aquilo que existe na cabeça como corpo físico em si, é o processo físico, o verdadeiro processo físico (hachurado na ilustração); assinalarei essa parte física no desenho, de forma esquemática, na região óssea posterior da cabeça, se colocarmos os olhos aqui. O que está concentrado nessa região como força física se estende por toda a cabeça. De fato, existe um processo físico primário na parte física da formação cefálica humana.

Ali não existe a impressão de mais nada; encontra-se apenas aquilo que realiza seu próprio processo; mas, no processo cefálico físico temos uma dualidade, temos a atuação conjunta de processos que somente podem ser compreendidos pela investigação espiritual, quando observados em conjunto com outros que ocorrem no universo.

Se vocês olharem para o mundo exterior, para as montanhas primitivas, e observarem o processo que se expressa na formação da ardósia, o que conduz à formação da ardósia a partir da sílica, encontrarão, nas forças que atuam neste processo formativo proveniente da sílica, um processo

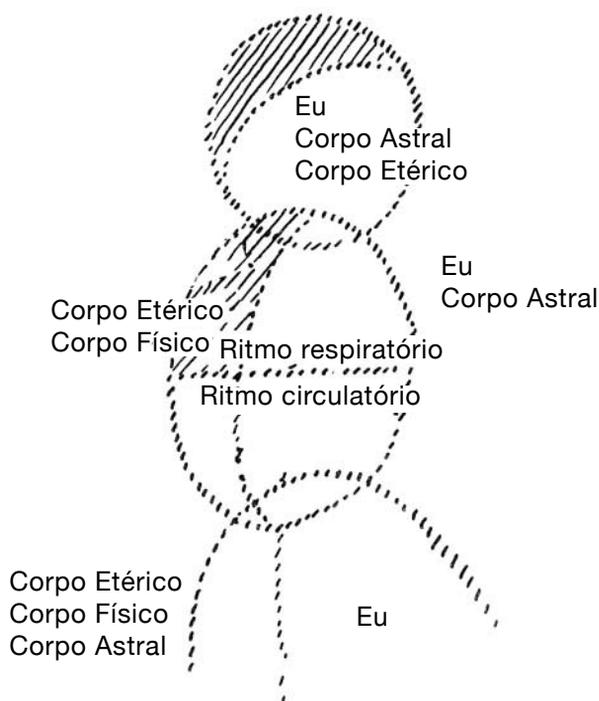
oposto àquele que ocorre na formação cefálica física. Esta é uma relação importante entre o ser humano e seu ambiente. O processo exterior de mineralização está [presente] também na cabeça humana. Para a Geologia atual já está claro que o processo formativo da ardósia – essa mineralização em que a sílica toma parte – se relaciona com o que se poderia denominar ‘des-vegetabilização’. Na formação da ardósia temos o mundo vegetal que, de certo modo, chegou a ser mineral; tentar compreender esta ‘des-vegetabilização’ – o que significa tentar, simultaneamente, compreender a formação da ardósia – nos leva a penetrar o que ocorre na cabeça, mas de maneira oposta. No entanto, este processo combina-se com outro que devemos buscar, novamente, no mundo exterior. Devemos buscá-lo onde se formam as montanhas calcárias. Hoje é quase uma evidência geológica para a Ciência que as montanhas calcárias se originam de um processo formativo terrestre que poderíamos denominar ‘des-animalização’, um processo oposto àquele que origina o animal; o processo polarmente oposto a este ocorre na cabeça. Então, se atribuirmos ao silício e ao cálcio processos que alcancem esse estado de repouso – um papel na formação cefálica física humana – devemos ter bem claro que ocorre na cabeça humana, através disso, algo que desempenha um papel muito importante no exterior; pelo menos, em toda a natureza terrestre. Ao mesmo tempo, podemos desde já nos compenetrar do seguinte fato: quando olhamos a sílica, o silício no mundo exterior vemos o parentesco essencial com o que ocorre na cabeça humana. E aqui falo de silício como um processo que chegou ao estado de repouso. O que temos no processo formativo do cálcio – o que chega ao repouso no cálcio – tem a ver com tudo o que representa o pólo oposto, que age em conjunto com outras forças na cabeça física humana. Estes processos, que podemos buscar ao nosso redor, existem na cabeça do ser humano em conexão com outros processos que não encontramos na Terra, com processos que existem somente como uma impressão, na medida em que a cabeça é uma impressão do corpo etérico, do corpo astral e do Eu.

Processos que não são terrestres em sua forma imediata chegaram ao estado de repouso nos membros da entidade humana. Somente o que ficou assentado para a cabeça física é um verdadeiro processo terrestre no ser humano. Os outros não o são, embora os encontremos em relação com processos terrestres, como veremos.

Para chegarmos a uma imagem completa, passemos ao segundo membro do organismo humano, o membro de nosso organismo que abrange, principalmente, o sistema rítmico, denominado de forma grosseira como o 'homem-torácico', devido à sua localização; e o dividimos, esquematicamente, em ritmo respiratório e o ritmo circulatório. Para poder abranger este membro em sua totalidade, devemos dizer o seguinte: tudo aquilo que apresentei neste desenho, em sentido amplo, como organização do ritmo respiratório (ver desenho) é, em primeiro lugar, uma impressão do Eu e do corpo astral. Assim como a cabeça é uma impressão do Eu, do corpo astral e do corpo etérico, o ritmo respiratório é, de forma semelhante, uma impressão do Eu e do corpo astral; temos a ação conjunta do corpo etérico e do corpo físico como elementos ativos primários. Na cabeça temos somente o corpo físico como elemento ativo primário; nela, o corpo etérico também é impressão. No sistema rítmico respiratório temos a ação conjunta dos corpos físico e etérico como elemento ativo primário, e como impressão, somente o Eu e o corpo astral.



Tudo isto existe também, em sua essência, na organização do ritmo circulatório, embora de forma mais delicada, pois todo o organismo metabólico se entretetece ao sistema circulatório, e neste começa o que é válido também para o ser humano do metabolismo e dos membros. Vemos aqui que as extremidades, em conjunto com tudo o que se manifesta como metabolismo – com exceção da circulação em si – é essencialmente uma impressão do Eu, e representa a interação do corpo físico, etérico e astral, inclusive no movimento (ver desenho). Então podemos dizer: quando contemplamos o 'homem-torácico', temos nele como impressão aquilo que se refere ao Eu e corpo astral, e como organização primária, atua nele algo que não é puramente físico, mas que é o físico impregnado e configurado pelo etérico. Esta é a situação especial do ritmo respiratório; no organismo circulatório intervém outro elemento, proveniente do sistema metabólico.



Vimos a forma variada dos diferentes membros do ser humano. Os membros da entidade humana que chamamos de corpos físico, etérico, astral e o Eu na Ciência Espiritual interagem de maneiras diferentes com os sistemas que caracterizamos como sistema cefálico, torácico, e sistema metabólico-motor. Na verdade, enquanto processo a cabeça do ser humano é essencialmente corpo físico. O que não é corpo físico é apenas uma impressão do Eu, do corpo etérico e do corpo astral. O ser humano da parte mediana representa, em essência, a interação entre os corpos físico e etérico; o que não é corpo físico, nem etérico, é apenas uma impressão do corpo astral e do Eu. O ser humano das extremidades e do metabolismo se constitui, na verdade, a partir da atuação conjunta entre os corpos físico, etérico e astral; o Eu aí está sozinho. (ver desenho pág. 19)

Agora, precisamos encontrar o processo que chegou ao estado de repouso no ser humano-torácico, o equivalente àquilo que entendemos como o processo de sílica para a organização cefálica física. E encontramos o fato singular de que o processo da formação sílica atua de maneira mais intensa neste homem do centro ou do meio, está mais expandido nele. Ele atua de forma mais sutil na cabeça. O processo da sílica age, de certo modo, de maneira mais forte, mais extensa e mais diferenciada no ser humano-rítmico. E no homem das extremidades e do metabolismo ele atua em sua máxima potência. Quando abordamos então, o processo que agora sabemos estar vinculado à sílica, podemos dizer: este processo atua com sua maior força ali onde ele deve apoiar o Eu, onde está vinculado à ação do Eu independente, que tem sua expressão no homem-metabólico físico; ainda veremos a interação com outros processos. Assim, o processo que leva à formação da sílica atua com sua maior força aí onde deve apoiar o Eu – ele favorece a ação do Eu no ser humano do sistema metabólico motor. O processo caracterizado pela sílica atua de maneira menos intensa onde necessita ajudar apenas ao corpo astral, e de maneira ainda mais delicada onde necessita apoiar apenas ao corpo etérico, ou seja, na cabeça.

Podemos descrever o processo que chega à condição de repouso na sílica de forma inversa, dizendo o seguinte: ele atua na organização cefálica principalmente de forma substancial, e quando age como força, como elemento dinâmico, ele atua em sua forma mais débil. Assim, na mesma região em que ele atua da forma mais branda como força, ele age da maneira mais poderosa enquanto substância, aí aonde ele chegou ao repouso como substância. Se tivermos a sílica diante de nós enquanto substância, devemos dizer: sua atividade mais intensa é sobre a cabeça. Se a considerarmos como sinal exterior de um processo, então podemos dizer: sua ação mais fraca é sobre a cabeça. A ação dinâmica é justamente menos intensa onde a ação substancial é mais forte. As ações dinâmica e substancial da sílica no ser humano-torácico mantêm o estado de equilíbrio em relação aos efeitos substancial e dinâmico. E, em relação ao sistema do metabolismo e dos membros, a ação dinâmica tem a supremacia. Assim, o efeito substancial é o mais débil nessa região, sendo aí mais poderoso o seu efeito enquanto força. Portanto, aquilo que representa o processo gerador da sílica organiza o ser humano inteiro. Se perguntarmos pela relação entre o que é a organização cefálica física e o ambiente exterior com o qual o ser humano interage, podemos também nos perguntar pela interação do homem-torácico com o seu ambiente, na medida em que ele contém a organização do ritmo respiratório.

Se quisermos estudar a cabeça humana do ponto de vista científico-espiritual devemos olhar então os dois processos na formação terrestre: o processo formativo do cálcio e o do silício, do ácido silício. Poderemos fazê-lo ainda mais detalhadamente. A organização que se coloca menos na periferia, menos para o exterior e mais para o interior do ser humano – a organização do sistema rítmico respiratório, na medida em que representa a interação entre o físico e etérico, em que se entrecruzam as impressões do astral e Eu – não nos oferece nada do mundo circundante que exista diretamente como processo, nada que exista como processo imediato na natureza. Pelo menos, em geral, não é assim. Se quisermos

encontrar no mundo exterior um processo característico para o que ocorre nesta interação, tão particular, entre o Eu e corpo astral – que estão mais ou menos livres, pois criaram impressões – e aquilo que é a interação primária entre o físico e o etérico, deveremos ser capazes de produzi-lo nós mesmos, para obter esse processo de forma correta. Quando queimamos substâncias vegetais e obtemos suas cinzas, quando ocorre o processo representado pela combustão na produção de cinzas e nas cinzas em condição de repouso – o que ocorre no processo do fogo e no processo formativo das cinzas – temos algo parecido com o processo respiratório, de maneira semelhante à maneira como o processo da sílica está relacionado ao processo que ocorre fisicamente na cabeça (falaremos de cada tipo de cinza em particular). E, se quisermos ativar o que se encontra no processo do ritmo respiratório, enquanto correlato do processo formativo das cinzas, não poderemos introduzi-lo na respiração – isso jamais se pode fazer no organismo humano: deveremos introduzi-lo, em certo sentido, em seu pólo oposto.

Desenhamos aqui o processo do ritmo respiratório, e aqui o processo do ritmo circulatório: no processo do ritmo respiratório são as cinzas

